



A CRISE NO ALGARVE

A população da vasta província continua a braços com a miséria que "A Batalha" denunciou há mais de quatro meses

Entretanto os galeões espanhóis prosseguem sua obra de extermínio do peixe em toda a costa

Voltou a prender as atenções da imprensa o gravíssimo problema da crise no Algarve. E porque se conservaram silenciosos nos últimos meses os jornais do país? Porque os galeões espanhóis não voltaram a acção na costa portuguesa, não levando para Espanha o que de melhor se pesca nas águas jurisdicionais portuguesas.

Dizia-nos um amigo há dias que a acção das *parellhas* espanholas nas águas portuguesas ainda era benéfica às populações do litoral algarvio. Essa acção é benéfica, explicava-nos esse amigo, porque só devido a ela a imprensa se lembra que no Algarve há fome, que naquela vasta província há centenas de famílias que vivem há cerca de dois anos na mais triste das misérias.

E é verdade. Apenas um jornal, e quando os espanhóis não apoquentavam a costa portuguesa, tratou o problema a sério, com o colorido devido e sem exagero de tintas. Esse jornal foi *A Batalha*. Durante um mês o órgão dos trabalhadores, pela pena do seu enviado especial ao Algarve, numa série de artigos, tratou das causas da crise e das suas consequências. E quais foram as nossas revelações?

Que uma das causas particulares dessa crise é a pesca pelo processo de *parellhas* exercida pelos barcos espanhóis, contra o exposto no Tratado do Comércio com a Espanha, processo já julgado ilícito em 1893.

Esse processo de pesca, como então tivemos ocasião de salientar, é a causa directa da migração de sardinha para águas mais tranquilas e a causa também da destruição da flora submarina tão rica da oura na nossa costa.

Sem pesca como poderiam viver as indústrias derivadas da pesca? Evidentemente que não poderiam existir, ou se existissem teriam que viver ficticiamente. Foi o que sucedeu com a indústria de conservas, muito especialmente.

Seu pesca a indústria conserveira cessou a sua laboração. E os milhares de trabalhadores que viviam dessa indústria foram lançados no *chomage* brutal e violentamente. Hoje não há em todo o Algarve uma centena de trabalhadores conserveiros no exercício da sua profissão.

O comércio também, como é natural, foi seriamente ferido. Poucas são as transacções que se realizam hoje na outrora riquíssima província algarvia. Decrescida a população e com menor capacidade de compra, o comércio arrasta igualmente uma situação crítica.

Aos poderes constituídos já foi pôsto o quadro com as suas tintas reais. Foram apresentadas plataformas atinentes ao debelamento da crise. No lábaro dessas reclamações estava a de uma rigorosa fiscalização em toda a costa portuguesa e do estabelecimento de severas sanções contra os pescadores espanhóis que pesquem fora da zona acordada em 1912 entre Portugal e Espanha para o emprego das *parellhas*, ou seja além de doze milhas da costa.

Essas reclamações não foram atendidas. E os pescadores espanhóis como que zombaram dessas reclamações ainda há dias foram a Albufeira, com os seus 50 galeões, e levaram dali todo o peixe que quiseram.

De forma que se já era má a situação quando *A Batalha* dela se ocupou, agora assume aspectos trágicos.

No Algarve morre-se de fome. Não há um pequeno recurso para a população se eximir às suas consequências. Se o governo não atender os desejos desses milhares de famélicos contidos numa reclamação que uma sua comissão, a caminho de Lisboa, lhe vem entregar, mal vai a coisa, porque o desespero invadirá os lares desses desgraçados e com o desespero surgirá a revolta.

Providenciar enquanto é tempo, ainda é a medida mais inteligente.

QUESTÕES OPERÁRIAS

Um protesto contra a especulação que O MUNDO tem feito em volta dos ferroviários do Sul e Sueste

Em volta dos ferroviários do Sul e Sueste paira neste momento uma atmosfera de desconfiança sobre a atitude que essa classe tomará, no caso do governo efectivar a sua primitiva ideia de arrendar aqueles caminhos de Ferro.

Que sabemos, nem os ferroviários do Sul e Sueste, nem os seus representantes pensam neste momento em quaisquer atitudes de violência, limitando-se uns e outros a evidenciar os seus esforços no sentido de o governo não transformar os seus pontos de vista em factos, sem permitir que o pessoal seja ouvido, como é de inteira justiça. O que, porém, se torna ignóbil e pouco sério, é que jornais como *O Mundo* queiram aproveitar-se da atmosfera para fazerem o jogo de correligionários seus, na ingénua suposição de que será possível que o governo reintegre nos lugares que ocuparam no Sul e Sueste, os engenheiros Plínio Silva, Pinto Teixeira e José de Jesus Pires.

Em um vislumbre de dignidade moral, *O Mundo* aproveitou o ambiente e vomita a estafada aria especulante de que só aqueles engenheiros seriam capazes de fazer regular os serviços ferroviários no sul do país.

Isto não tem *O Mundo* rebuço em afirmar, apesar de saber que, quer tecnicamente ou moralmente, aqueles seus correligionários não demonstrarem nenhuma da competência que o mesmo jornal constantemente lhes atribue.

Não, *O Mundo* especula com uma classe para acomodar correligionários seus que moralmente se comportaram no Sul e Sueste dum maneira censurável e que tecnicamente nada provaram saber, apesar de quantos reclames lhes fizeram.

O Mundo, procura pescar nas águas turvas, em favor dos seus partidários, acreditando que o momento não pode ser mais oportuno para levar o governo a capitular, reconduzindo os três engenheiros.

Esses homens não podem ali entrar, porque isso seria o cúmulo da falta de vergonha, quando em seu poder tem um significativo protesto de mais de 3500 ferroviários, devidamente assinado e que acompanha uma mensagem muito significativa, que já publicámos nas nossas colunas. Mesmo que em matéria de competências técnicas de Caminhos de Ferro, o governo tem muito por onde tecer os seus engenhos finos, onde há técnicos de incontestável envergadura e que no Sul e Sueste ofuscariam completamente os Plínios, os Pires e os Pintos... do *Mundo*.

Independente de tudo isto, a sindicância não podendo ter a conclusão favorável que *O Mundo* supõe, isso constituirá mais um obstáculo aos desejos políticos daquele jornal.

Os engenheiros militares que foram para as linhas do Sul e Sueste têm encontrado uma resistência e um obstruccionismo singulares, por parte de alguns altos funcionários, amigos pessoais dos engenheiros afastados e é isso que tem levado alguns deles a demitirem-se, como sucedeu ao tenente-coronel Celestino Regala.

Parece até que há entendimentos entre os que fazem o obstruccionismo e os engenheiros a quem esse jogo convém e que são partidários de *O Mundo*.

Será bom que haja ao menos pudor moral por parte de *O Mundo* nesta questão e termine com a especulação que está fazendo.

Os ferroviários do Sul e Sueste constituem uma classe que tem suportado muitas violências, que tem sido perseguida, mas como outras classes, tem dignidade, tem honra própria, que sabe defender energicamente.

oportunos para levar o governo a capitular, reconduzindo os três engenheiros. Esses homens não podem ali entrar, porque isso seria o cúmulo da falta de vergonha, quando em seu poder tem um significativo protesto de mais de 3500 ferroviários, devidamente assinado e que acompanha uma mensagem muito significativa, que já publicámos nas nossas colunas. Mesmo que em matéria de competências técnicas de Caminhos de Ferro, o governo tem muito por onde tecer os seus engenhos finos, onde há técnicos de incontestável envergadura e que no Sul e Sueste ofuscariam completamente os Plínios, os Pires e os Pintos... do *Mundo*.

Independente de tudo isto, a sindicância não podendo ter a conclusão favorável que *O Mundo* supõe, isso constituirá mais um obstáculo aos desejos políticos daquele jornal.

Os engenheiros militares que foram para as linhas do Sul e Sueste têm encontrado uma resistência e um obstruccionismo singulares, por parte de alguns altos funcionários, amigos pessoais dos engenheiros afastados e é isso que tem levado alguns deles a demitirem-se, como sucedeu ao tenente-coronel Celestino Regala.

Parece até que há entendimentos entre os que fazem o obstruccionismo e os engenheiros a quem esse jogo convém e que são partidários de *O Mundo*.

Será bom que haja ao menos pudor moral por parte de *O Mundo* nesta questão e termine com a especulação que está fazendo.

Os ferroviários do Sul e Sueste constituem uma classe que tem suportado muitas violências, que tem sido perseguida, mas como outras classes, tem dignidade, tem honra própria, que sabe defender energicamente.

As 'forças vivas' contra as 8 horas de trabalho

Estamos ainda esperando que o governo defina sobre as 8 horas de trabalho a sua opinião. Habitualmente a ver os governantes submeterem-se a todos os caprichos, quando não a todas as imposições das *soldisants* "forças-vivas", não auguramos nada de bom deste longo e ansioso compasso de espera.

Em todo o caso não é bem sobre o governo que, neste momento, incide a nossa atenção. E' sobre as classes trabalhadoras, visto que as 8 horas de trabalho foram conquistadas pela sua energia e pela sua tenacidade e o decreto pouco mais foi do que a consagração oficial de uma regalia que já tinha sido conquistada. E é delas, principalmente delas, que depende a vida ou a morte dum das principais regalias operárias.

As "forças-vivas" não têm a menor autoridade moral para reclamarem a anulação dum lei, desde que se recusaram a acatá-la. E devemos acrescentar que em muitos pontos do país as autoridades têm-se prestado a auxiliar os que transgridem as 8 horas, quando era do seu dever proceder contra eles.

Mas essa atitude, tanto das "forças-vivas" como da maioria das autoridades, compreende-se perfeitamente. A lei—é assim que pensam as classes predominantes—fez-se para assegurar os privilégios dos ricos contra os direitos dos explorados. A lei é a opressão dos pobres—e como a das 8 horas incidia na defesa dum regalia que beneficiava os pequenos não se pensou em respeitá-la. Actualmente só usufruem as 8 horas de trabalho aqueles operários e aquelas classes que souberam implantá-las, conservando-as energeticamente sem recer as arremetidas das classes exploradoras. Os industriais vão, pois, reclamar contra uma lei que eles pisaram a pés, contra uma lei por quem têm nutrido, desde a primeira hora, o mais soberano desprezo.

A revogação das 8 horas de trabalho reclamada pelas "forças vivas" constitui uma habilíssima manobra que, de modo algum, nos podia passar despercebida. Com essa manobra pretendem obrigar o Estado a coagir pela força os operários que souberam conquistar essa regalia a abandoná-la. Pretendem de encadear o governo sobre as classes trabalhadoras e estas sobre aquele.

Mas, é preciso que se saiba que as 8 horas de trabalho encontram na classe trabalhadora a disposição de as defender à outrance. Não dependem da lei, dependem antes da atitude que elas souberam tomar perante a relutância dos patrões. Pretender arrancar-lhe as 8 horas equivale a feri-la no coração. E estamos certos de que ela saberá empregar para as manter a mesma energia que lançou mão para as implantar.

Saudando uma educadora

O Sindicato Unico Mobiliário de Lisboa aprovou uma saudação à professora D. Vitória Pais pela atitude desassombrosa que assumiu no Congresso Pedagógico, elevando o seu protesto contra o decreto que restabeleceu o ensino religioso nas escolas particulares.

O Sindicato Unico Metalúrgico do Porto também aprovou uma saudação idêntica e o Núcleo das Juventudes Sindicistas do Porto enviou um ofício a D. Vitória Pais cumprimentando-a pela sua atitude.

"O Rebate,"

A Direcção do Sindicato dos Compositores Tipográficos e conjuntamente uma comissão delegada do quadro, tentou avistar-se ontem com o sr. Ministro do Interior para tratar da suspensão do "Rebate", o que não conseguiu, pelo que voltará amanhã a encetar novas diligencias no intuito de ser esclarecida a situação do mesmo quadro.

Notas & Comentários

Da Associação dos Bombeiros Voluntários de Campo de Ourique (Cruz Branca) recebemos um calvinista ofício saudando *A Batalha* e agradecendo o acolhimento que ela lhe tem dispensado.

Deu-nos o prazer da sua visita a excelente banda da Sociedade Imparcial 15 de Janeiro de 1898, de Alcochete que teve a amabilidade de tocar em frente do nosso edifício algumas peças do seu brilhante repertório.

UMA ENORME GATASTROFE

A cidade da Horta ficou quasi destruída por um abalo sísmico

São por milhares os mortos e os feridos, estando a ser enviados socorros urgentes

A cidade da Horta foi destruída, em grande parte, por um violento abalo sísmico. As vítimas são em grande numero, não se sabendo ainda o total de mortos e feridos. Além disso, bastantes povoações sofreram prejuizos irreparáveis.

A notícia da catástrofe chegou a Lisboa por vias particulares e oficiais, produzindo-se em toda a cidade profunda consternação. Já não é a primeira vez que o arquipélago dos Açores é violentamente sacudido; e o terremoto, agora, foi a catástrofe maior de quantas têm assolado as ilhas.

As estâncias oficiais promoveram logo socorros tão rápidos quanto possível. As primeiras notícias reuniram-se os ministros que se encontravam em Lisboa, surgindo as necessárias providencias, após a reunião.

O cruzador *Adamastor* e o transporte de guerra *Pero de Alemquer* receberam ordem de partir com toda a urgencia, devendo partir hoje de manhã em direcção ao Faial, e levando toda a especie de socorros às inúmeras vítimas. Foi dada ordem, pelo ministerio da guerra, para que siga para a Horta, talvez no *Pero de Alemquer*, uma brigada de saúde do exercito, que será constituída por sete médicos, ambulâncias e pessoal de enfermagem.

Tambem deve seguir uma outra brigada de engenharia que auxiliará os trabalhos que se vão fazer nas ruínas da desventurada cidade.

Mais rápida as providências sejam feitas, o governo fez expedir um *radio* ao cruzador *Carvalho Araujo*, que havia largado da Horta, para que regresses aqúelle pórtio a fim de prestar auxilio. O vapor *San Miguel*, que vinha já com rumo a Lisboa, recebeu ordem radiotelegráfica para imediatamente voltar à ilha do Faial e ali permanecer na prestação de socorros.

As estâncias oficiais telegrafaram ao governador civil da Horta, que preside à comissão official de socorros, para que indique, em telegrama urgente, quais os socorros que terão de ser, ainda, enviados para as populações que sofreram na desoladora catástrofe.

A Cruz Vermelha prepara se para prestar os seus serviços

A Cruz Vermelha Portuguesa logo que teve conhecimento do desastre succedido no Faial, foi oferecer os seus serviços ao sr. ministro do Interior posto à sua disposição o material e pessoal das suas delegações do Açores e da Madeira e dos delegados de que dispõe no Continente.

A mesma Instituição telegrafou para aquelas suas delegações, para que tudo se preparasse e ficasse ao dispor das autoridades do Faial, fazendo ao mesmo tempo um apelo às damas da Cruz Vermelha para socorrerem as vítimas da grande calamidade.

A Cruz Vermelha Portuguesa desde já se pôe ao dispor de todas as pessoas que queiram enviar donativos, monetário, de roupas ou de qualquer outra espécie, para os sobreviventes do desastre, podendo os donativos em dinheiro ser entregues na sua tesouraria, na P. do Comércio, esquina da R. da Prata, das 11 às 16 e, os donativos em géneros, na R. Presidente Arrisga, n.º 1 às mesmas horas.

CRIMINOSA ATITUDE

Pretende-se a livre exportação do azeite no ano em que a sua produção foi diminuta

Porque aumentam os preços dos generos :-: se a libra se conserva estacionária? :-:

Há alguns anos que a produção do azeite não é tão diminuta como no corrente. Devido a uma moléstia que atacou as oliveiras a colheita do precioso liquido foi muito inferior à dos últimos anos.

E' tão delicada a situação que o governo, por um decreto que fez ontem publicar, obriga os produtores e detentores do azeite a, no prazo de oito dias, declararem a sua existência para, afirma-se nesse decreto, se garantir o regular abastecimento público deste produto.

Pois exactamente no ano em que a produção do azeite é inferior e que se prevê um ano de fome, é que a Associação Comercial de Lisboa pretende do governo uma autorização para as "forças vivas" poderem livremente exportar todo o azeite nacional. Custa a crer, mas é assim. Quando sobre uma população pesa a ameaça da restrição do consumo de um produto, é que uma entidade teve a pretensão de exportar o pouco que há desse produto.

Não sabemos se os criminosos desejos da Associação Comercial serão atendidos por parte do governo. Todavia é ponto de fé que da parte do sindicato das "forças vivas" se não de mover os cordelinhos para que essa pretensão se converta em realidade.

Para o conseguirem as "forças vivas" dispõem de muitos processos, cada um o mais engenhoso e complicado. Se não for por uma autorização legal, será por uma maneira subrepticia. Processos não faltam nem intenções.

Haja em vista o que está succedendo com a venda dos generos de primeira necessidade. A libra conserva-se na casa de 94\$75 há muito tempo. Todavia os preços dos generos vão subindo numa progressão assustadora.

Os nossos colaboradores

Empenhados como estamos em levantar tão alto quanto possível a Organização Operária, é com alegria que vamos registando o regresso ao nosso seio de alguns elementos que se tinham afastado desgostosos. Alguns dos nossos colaboradores mais valiosos do suplemento de *A Batalha* que deixaram de colaborar já surgiram no nosso numero de anteontem e na próxima semana contamos que alguns daqueles nomes mais estimados do publico apareçam também.

Neste ambiente de concórdia agora estabelecido, todos aqueles que por ventura se sentiam melindrados por motivos que nem queremos citar, para pôr uma pedra sobre assuntos desagradáveis, devem sentir-se

Há generos que aumentaram de preço 50 %. As batatas, o bacalhau, a massa, o arroz hoje custam 10, passando amanhã a vender-se por 20.

E quem autoriza este aumento de preços se de direito existe ainda o tabelamento? Ninguém autorizou, mas resolveram-no as "forças vivas" em sua reunião.

E' o que vai succeder com os azeites. Ou o governo cede aos sinistros desejos desses bandoleiros que nos ameaçam a existência ou eles zombarão das medidas do governo no que respeita à prohibição da exportação.

Sim, porque, afinal, quem todo lo manda neste país são as "forças vivas" que nos roubam diariamente. Habitados a fazerem prosperar todos os governos a seus pés, não hesitarão em romper com este neur que para isso tenham que arrastar com as discordancias dos membros do governo.

Chegamos a este estado de coisas. Uma associação de mafestadores que se acotia numa sentada as vezes da Avenida da Liberdade, todas as vezes que as suas ambições determinam, arranca-nos a pele como um vilgão bandido nos assalta na via pública e nos arranca a vida e a bolsa.

Não é isto que se está passando com os generos, incluindo o próprio azeite? E o que fazem os poderes constituídos?

E o que fazem os espoliados? Conservam-se silenciosos à espera que o abutre lhes caia impiedosamente sobre o dorso. Devido a esta modorra os bandidos encorajam-se e não tardará muito que em plena rua nos obriguem a despir o farrapo a que ainda chamamos camisa.

A menos que todos nós nos convençamos de que isto se modificará quando nós quisermos. Até lá, agüentar e cara alegre.

Antonio Marcelino

E' muito conveniente a tua passagem pela redacção deste jornal a qualquer hora do dia de hoje.

Lede o Suplemento de A BATALHA